

A desertificação do homem contemporâneo*

The desertification of modern man

*Nancy Mangabeira Unger***

Resumo

Experienciamos hoje uma crise que repõe certas questões que fundam e fundamentam o percurso de uma época. Uma das leituras possíveis desta crise é considerá-la como um processo de desertificação, tanto no sentido físico quanto anímico. O deserto contemporâneo é analisado como o resultado de uma dinâmica na qual o homem entende sua humanidade na razão direta de sua capacidade de dominar a natureza e os outros homens. Trata-se de uma tiranização do real que se pauta pela redução de todos os seres, inclusive o próprio homem, à condição de objetos cujo único valor consiste no lucro que podem produzir.

Palavras-chave: Desenraizamento. Contemporaneidade. Identidade e diferença.

Abstract

The crisis we experience today brings into view certain issues that support and establish the development of an epoch. A possible interpretation of this crisis is to consider it as a process of desertification, in its physical, as well as its spiritual sense. The contemporary desertification of society is viewed as a dynamic resultant of modern man's understanding of his/her own humanity directly related to his/her ability to govern nature and other men. Such tyrannical influence on reality reduces all beings, including man himself, to a condition of a simple object whose only value resides in the profit they can provide.

Keywords: Lack of roots. Contemporaneity. Identity and difference.

* O assunto desenvolvido no artigo é tratado de forma mais ampla num capítulo do livro *Da foz à nascente: o recado do rio*, São Paulo: Cortez, Campinas: EdUnicamp, 2001.

** Doutora, Pesquisadora da Universidade Federal da Bahia. E-mail: nan@ufba.br

O deserto cresce; ai de quem abriga desertos!

Nietzsche

A gravidade da situação que hoje atravessamos não se deve unicamente ao fato de termos que lidar com a ameaça da destruição dos nossos recursos mais vitais: da água, do ar, das espécies vegetais e animais. O momento é grave, de modo mais essencial, porque o homem esqueceu a riqueza do que pode significar ser um ser humano. A tentativa de afirmar um poderio sem limites sobre as coisas, o projeto de estabelecer-se como tirano da vida, redundando no seu isolamento, no rompimento do diálogo com a natureza, na perda da referência da Terra como abrigo.

A exclamação de Nietzsche (1933, p. 41) – “o deserto cresce” – expressa o sentimento de quem está diante de uma determinada dinâmica de civilização e presencia um momento importante desse processo de desertificação. Ele não está se referindo especificamente à desertificação resultante da devastação da natureza; trata-se da percepção do impacto de uma época na qual o deserto que cresce se referencia sobretudo a uma condição anímica do homem contemporâneo. O que Nietzsche vê é a crescente aridez de uma época na qual a vida está sendo negada, e que tem seu eixo na racionalização e controle de todas as coisas.

Hoje, vivemos num mundo que é o fruto amargo dessa dinâmica, cujo desdobramento realiza-se em múltiplos níveis. Os vínculos sociais são rompidos em todas as classes sociais e as relações humanas dissolvem-se na economia. Em algum nível ou grau de percepção, quer o queiramos quer não, cada um de nós está sendo interpelado a viver a experiência do deserto. No contexto da presente reflexão, o uso da palavra *deserto*, como traço marcante do mundo contemporâneo, não diz respeito unicamente às graves conseqüências resultantes da devastação da natureza. Refere-se, também, à esfera da sociedade, ao espaço da convivência humana. Trata-se do impacto de uma época na qual a vida está sendo negada, e que tem seu eixo na racionalização e controle de todas as coisas.

De um modo mais essencial, esta crescente aridez resulta de um desequilíbrio cujas raízes se situam no coração do homem. O que significam a devastação das florestas, a contaminação das águas e do ar, a extinção de milhares e milhares de espécies animais, a agressão que o homem comete a seus semelhantes através da espoliação, da opressão, do etnocídio, senão o espelho externo de uma condição interior do ser humano?

A crise do socialismo deixa um vazio em termos de valores. Apesar de todas as suas incoerências e contradições, o socialismo, enquanto ideal,

representou as aspirações de muitas gerações, no mundo inteiro, por uma condição de justiça social e política para toda a humanidade. Em artigo no jornal *Folha de São Paulo*, o sociólogo Robert Kurz (1995) observa que o socialismo funcionava como “uma espécie de filtro ético”, que fazia da solidariedade aos oprimidos uma tradição na juventude e na intelectualidade e dava uma base moral e científica para que os pobres compreendessem sua miséria. O ideal socialista constituía também um parâmetro, ou uma alternativa, ante a qual o capitalismo precisava se justificar, ou ao menos manter sua selvageria dentro de alguns limites. A ausência desse referencial, o fato de que, como realidade histórica, o chamado socialismo real reproduziu aspectos fundamentais do sistema que pretendia superar, provocou em muitos simpatizantes uma reação de desânimo, ceticismo e desinteresse por um horizonte social mais amplo. Nos dias atuais, a idéia da utopia é vista majoritariamente como algo historicamente datado, anacrônico. Junto com o socialismo, teria sido definitivamente enterrado todo o ideal de uma mudança fundamental da sociedade.

Realismo é uma palavra chave do projeto neoliberal, que se quer pragmático e aberto, isento de pretensões totalitárias e de ingenuidades utópicas. O que está em questão nessas afirmações é a própria idéia de realidade, é o entendimento de realismo como aderência ao já dado. O já dado é o campo do pragmático, do que é passível de instrumentalização, planejamento e cálculo; é também o campo do repetitivo. Nesse campo só não há lugar para a criação e a criatividade.

Neste tempo, em que as formas de aniquilamento assumem dimensões planetárias, a imagem do deserto pode simbolizar a força mortífera dos tempos modernos, a ameaça de destruição. Para o sociólogo Gilles Lipovetsky (1989, p. 44-45), a essa dimensão apocalíptica do deserto soma-se outra: o deserto, como abandono e indiferença.

Atravessando sozinho o deserto, carregando-se a si próprio sem qualquer apoio transcendente, o homem de hoje caracteriza-se pela vulnerabilidade. A generalização da depressividade deve ser atribuída não às vicissitudes psicológicas de cada um ou às “dificuldades” da vida atual, mas sim à deserção da res publica, que varreu o terreno até a emergência do indivíduo puro.

Trata-se dos desdobramentos de um processo histórico que leva os indivíduos a um desinteresse e a um distanciamento tanto do espaço público quanto das esferas transcendentais, aumentando correlativamente as prioridades

dadas às esferas privadas. O individualismo próprio à dinâmica das sociedades modernas sofreria um *aggiornamento* que, na esteira dos sociólogos americanos, Lipovetsky designa como narcisismo, entendido sobretudo como “sobre-investimento das questões subjetivas”. Neste sentido, assistiríamos hoje à emergência de um modo inédito de civilização e de individualização, caracterizado pela centralidade dada ao indivíduo e seu direito cada vez mais autoproclamado de afirmar sua personalidade como modo determinante de auto-realização, à parte de quaisquer preceitos e parâmetros sociais de pretensão universalista. Enquanto fenômeno social, esse processo coincidiria com uma pulverização e nivelamento de valores, questões e acontecimentos.

Nesse contexto, a palavra indiferença remete tanto à apatia e à desmobilização, quanto ao nivelamento de todas as hierarquias e valores, à neutralização de todas as diferenças, ao desinteresse pelo sentido. Segundo Lipovetsky (op. cit., p. 15-16), vivemos numa época marcada pelo primado do ato de comunicação sobre a natureza do que é comunicado, a indiferença pelos conteúdos, a expressão pela expressão, porém veiculado e ampliado por um *medium*:

Democratização sem precedentes da palavra: cada um de nós é incitado a telefonar para o emissor, cada um de nós pretende dizer alguma coisa a partir da sua experiência íntima, tornar-se locutor e ser ouvido. Mas (...) quanto mais os indivíduos se exprimem, menos há que dizer, quanto mais se solicita a subjetividade, mais anônimo e vazio o efeito se revela.

Entre as muitas expressões da indiferença contemporânea, está a situação do ensino:

...em poucos anos, com a velocidade de um relâmpago, o prestígio e a autoridade dos docentes desapareceram quase por completo. (...) o ensino é uma máquina neutralizada pela apatia escolar, feita de atenção dispersa e de ceticismo desenvolvido ante o saber (idem, p. 37).

Essa mesma apatia caracteriza a cena política; não se trataria tanto de uma despolitização, mas de um nivelamento de interesses: os partidos e as eleições interessam tanto quanto, e mesmo menos, do que o boletim meteorológico ou as notícias esportivas:

A política entrou na era do espetacular, liquidando a consciência rigorista e ideológica em benefício de uma curiosidade dispersa, captada por nada e por tudo. Daí a importância capital de que se revestem os

media de massa aos olhos dos políticos; não tendo outro impacto para além do que a informação veicula, a política é obrigada a adotar o estilo de animação, dos debates personalizados, das perguntas-respostas etc., único estilo capaz de mobilizar pontualmente a atenção do eleitorado. A declaração de um ministro não vale mais do que o folhetim; passa-se sem hierarquia da política às “variedades”, sendo a audiência determinada pela qualidade do divertimento (idem, p. 38).

A apatia de nossa sociedade corresponde a uma plethora de informações e à sua velocidade de rotação: assim que é registrado, o acontecimento é esquecido, banido de cena por outros mais espetaculares. A equiparação e a indiferenciação de valores, idéias e experiências caminham de par com a ênfase sempre maior num espaço privado adaptável a todos os comportamentos e gostos, desprovido de referências estáveis; uma “apoteose do temporário” sem ponto de ancoragem.

A res publica encontra-se desvitalizada, as grandes questões “filosóficas”, econômicas, políticas ou militares suscitam mais ou menos a mesma curiosidade desenvolvida do que um qualquer fait divers; todos os “cumes” se abatem pouco a pouco, arrastados pela vasta operação de neutralização e banalização sociais (idem, p. 48-49).

A avalanche de informações e possibilidades de escolhas virtuais, a sofisticação permanente da telemática e de todas as técnicas “interativas” caminham de par com uma extrema especialização e atomização. Por outro lado, a desmobilização do espaço público tem seu correlato no hiper-investimento do privado, na exaltação da personalidade e da subjetividade, na canalização de energias no interesse próprio. Mas esse interesse é também instável e vacilante, tão instável quanto as “subjetividades” que se constroem como forma de ocultar a experiência dos vazios de sentido e valor da sociedade de consumo.

Em outra abordagem, Suely Rolnik (1996) vai mostrar de que maneira um mercado variado de drogas sustenta e produz nas pessoas uma demanda de ilusão: a ilusão de estar de posse de uma identidade que possa gravitar em alguma órbita do mercado, a fuga da experiência dos vazios de sentido e valor.

Entre essas drogas estão os produtos do narcotráfico, proporcionando miragens de onipotência ou de uma velocidade compatível com as exigências do mercado, mas há também as fórmulas da psiquiatria biológica, “...nos fazendo crer que essa turbulência não passa de uma disfunção hormonal ou neurológica; e, para incrementar o coquetel, miraculosas vitaminas prometendo uma saúde ilimitada, vacinada contra o estresse e a finitude” (idem, p. 3).

Em outro nível, situa-se a droga veiculada pela TV e as outras mídias, oferecendo “identidades *prêt-à-porter*”, figuras glamourizadas pretensamente imunes aos estremecimentos da vida real. Próteses de identidade cujo efeito dura pouco, pois os indivíduos-clones que elas produzem, com suas personas estereotipadas, são vulneráveis a qualquer ventania um pouco mais forte. Em torno dessa clonagem de identidade, desses estereótipos que se reproduzem em velocidade alucinante, gira um consumo sempre mais desenfreado: os viciados nessa droga estão dispostos a tudo para alcançar seu quinhão de reconhecimento em alguma órbita do sistema.

Mas todo esse empenho de inserção produz apenas atomização e isolamento. Nesse contexto, o processo de desertificação se dá como deserção, abandono do espaço comum. No deserto social, as formas de sociabilidade e convivência se reduzem a microunidades de defesa de identidades próprias, nas quais o elogio da diferença sucumbe, na maioria das vezes, a uma dinâmica que não entra em diálogo com outras falas. O que é desertado é um modo de ser que considera a tessitura social como um todo, o olhar que percorre o desenho maior formado pela trama de seus múltiplos fios – ainda que seja para constatar seu esgarçamento. Pois é esse interesse pela comunidade como um todo que remete à política enquanto grande arte.

Assim, o modo em que se deu a planetarização do mundo contemporâneo, sob a égide do capital transnacional, tem seu correlato na fragmentação que parece atravessar todos os níveis da sociedade. O que não significa que seja esta a única potencialidade do momento em que vivemos.

Esse estado de isolamento, alheio aos destinos do outro, emerge tanto nas novas formas de produzir e viver da sociedade capitalista “digital-informatizada”, como pela exclusão social de todos aqueles que não conseguem uma adequação às novas “necessidades” do mercado. Trata-se do reverso da solidariedade social, e das utopias humanistas com força política.

Parece significativo o fato de que o retraimento do espaço comum, seja pela fragmentação social, seja pelo sobre-investimento no particular, é o traço de uma época marcada pelo enorme crescimento e generalização dos estados de depressão e das síndromes de pânico, outrora reservados às classes burguesas.

Esses dados suscitam uma indagação: até que ponto a existência de um horizonte utópico, de uma aspiração transcendente – entendidos não somente no sentido religioso –, constitui uma necessidade essencial do ser humano?

Diante da miséria das relações e sentimentos humanos, num mundo inteiramente racionalizado pela economia, o irracionalismo alastra-se como um

incêndio de vastas proporções. Apesar de sua retórica da democracia e da tolerância, o neoliberalismo é o fruto tardio de uma ideologia que considera o sucesso financeiro um fim em si mesmo. Embora se apresente como realista e desejável, a racionalidade do mercado só o é, segundo Kurz (op. cit., p. 5),

...na medida em que um sistema irracional fechado sobre si mesmo cria sua racionalidade interna (...). A tolerância ocidental é somente uma forma particularmente perversa de intolerância, pois o deus do mercado não admite nenhum outro deus além de si mesmo e tolera apenas aquilo que se submete incondicionalmente a seus métodos.

Desde os primórdios do pensamento filosófico grego, o Ocidente buscou pensar a relação entre o Um e o múltiplo, entre unidade e diferença, tanto no plano do Cosmos, como no plano da convivência humana. Um dos traços do momento histórico atual é a contrafação desses dois pólos, seja do Um, seja do múltiplo. A dinâmica distorcida do Um se expressa como uma “globalização” que se dá com o esmagamento das singularidades de cada povo: suas raízes, sua cultura, sua identidade étnica, em nome de um projeto que pretende nivelar e homogeneizar as diferenças tendo como critério a toda-poderosa funcionalidade das coisas dentro da economia de mercado. Quando o discurso da diferença não leva em conta seu aspecto de diálogo e troca, dilui-se em atomização e isolamento.

No mundo contemporâneo, a própria dinâmica de realização da técnica impulsiona a vida humana no sentido do desenraizamento e da perda de referências. Hoje, centenas de milhares de pessoas deixam sua terra de origem, forçadas pela guerra, pela fome, pelo desemprego, pela perseguição política e religiosa. Enquanto grandes massas migram de um continente a outro em busca da sobrevivência, nos países do primeiro mundo a xenofobia e o racismo, aguçados pela crise econômica e o esgarçamento das relações entre sociedade e Estado, assumem também as proporções de uma guerra.

Não menos distorcida é a dinâmica reativa dos movimentos fundamentalistas, que sob a bandeira da afirmação de uma identidade própria (religiosa, racial, nacional), ou seja, em nome do que seria uma diferença, são expressões da mesma intolerância e autoritarismo. Em meio à crise de uma civilização que se pautou pela recusa da transcendência, o crescimento assustador do fundamentalismo nos últimos anos expressa a perversão, ou a distorção, da energia religiosa. Hoje, o líder do Black Muslims, que galvaniza milhares de negros americanos, é Farrakhan, cujo discurso é marcado por um viés misógino, anti-semita e reativo. Enquanto cidadãos aparentemente pacatos

surtem repentinamente como *serial killers*, o terrorismo de todas as cores e qualidades aparece como a busca desesperada de resgatar identidades que submergem na homogeneização que o sistema impõe em todos os pontos do planeta.

Contudo, o desenraizamento do homem contemporâneo, que se manifesta no plano de sua vivência como ser social, remete a uma condição mais essencial. Destituído de caráter simbólico, seu mundo não se constitui como alteridade nem permite o diálogo. Sob o comando da vontade de poder, da recusa do sagrado, da necessidade compulsiva de reduzir a natureza e os outros homens à condição de objetos de sua ganância, ele perde simultaneamente o senso de seu lugar no universo e o contato com potencialidades que são constitutivas de sua humanidade. Por isso, vive um desenraizamento de sua própria natureza humana.

Distante de si e sem continente que lhe dê abrigo, o homem contemporâneo é, em diversos sentidos, o sem-Terra.

Referências

- KURZ, Robert. A síndrome do obscurantismo. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 5 nov. 1995, p. 5.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.
- NIETZSCHE, Frederico. *Ditirambos de Diônisos / Dionysos Dithyramben*. Versão: Manuela Sousa Marques. Lisboa: Guimarães Editores, 1993 (edição bilíngüe).
- ROLNIK, Suely. A multiplicação da subjetividade. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 19 maio 1996, p. 3.
- UNGER, Nancy Mangabeira. *Da foz à nascente: o recado do rio*, São Paulo: Cortez, Campinas: EdUnicamp, 2001.

Recebido: 24.08.2000

Aceito: 02.02.2001